

# MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

## Fluxos de imagens em redes sociais: da dispersão à construção identitária

GABRIEL CARLOS DE SOUZA SANTOS\*

### 1. Industrialização e urbanização em Cubatão.

Percebe-se, na discussão acadêmica sobre o processo de industrialização de Cubatão/SP, a afirmação de uma primeira onda – ou de uma primeira fase industrial – localizada entre o final do século XIX e a década de 1920, relativa àquelas que foram chamadas de “indústrias pioneiras”. Essa nomenclatura se refere ao fato de esses estabelecimentos terem introduzido atividades industriais pela primeira vez no município, o qual, até então, havia desenvolvido atividades econômicas ligadas especificamente ao transporte e à agricultura.

Para compreender as mudanças nas atividades econômicas de Cubatão, é preciso ter em mente que em 1827 foi inaugurado o Aterrado, estrada de terra cujo objetivo principal era melhorar o fluxo de mercadorias entre São Paulo e o porto de Santos. Cubatão passou, a partir daí, a desempenhar a função econômica de registro, cobrando taxas sobre o transporte terrestre realizado na estrada (COUTO, 2003: 20-1; 2012: 38-9). No entanto, com o constante aumento do fluxo de mercadorias destinadas ao porto e sucessivas construções de estradas que atravessassem a Serra do Mar ligando São Paulo a Cubatão<sup>2</sup>, optou-se por uma saída que pudesse lidar, em longo prazo, com o aumento contínuo da exportação. Inaugurou-se, assim, em 1867, a ferrovia *São Paulo Railway*. Cubatão passou a ser atravessado pela linha férrea e o baixo uso do Aterrado acarretou a perda de sua função de registro, ocasionando estagnação econômica e urbana no local.

Frente à baixa circulação de mercadorias pelo Aterrado e à impossibilidade de manter-se economicamente com a cobrança de taxas sobre o transporte, desenvolveu-se no local a banicultura como atividade econômica substitutiva. Para Joaquim Miguel Couto, economista que analisou o desenvolvimento econômico de Cubatão a fim de compreender a constituição de seu polo industrial, “Ao descortinar o século XX, Cubatão era um ‘mar’ de bananeiras, uma imensidão verde” (COUTO, 2003: 28). A predominância do cultivo de bananas, no entanto, teve que conviver

---

\*Mestrando do Programa de Pós-graduação em História, na linha de Cultura Visual, História Intelectual e Patrimônios, da Universidade Estadual de Campinas.

<sup>2</sup> Sem entrar em detalhes, visto que essa comunicação não se centra na questão da travessia da Serra do Mar, podemos citar como exemplos a abertura da Calçada do Lorena, em 1793, que visava atender ao aumento do tráfego de mercadorias direcionado para o porto de Santos; e a criação da Estrada da Maioridade, em 1846, objetivando lidar com o crescente fluxo de café em direção à Baixada Santista.

## MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

2

com um pequeno número de indústrias: a *Cia. Curtidora Marx*, de 1912; a *Cia. de Anilinas, Produtos Químicos e Materiais Técnicos*, de 1926; a *Cia. Fabril de Cubatão*, de 1922; e a *Usina de Cubatão*, de 1926.

Couto nomeou as três primeiras indústrias de “pioneiras”, optando por não alocar a Usina hidroelétrica de Cubatão nessa categoria, negando, portanto, seu pertencimento ao primeiro período industrial de Cubatão. Essa opção embasa-se em algumas diferenças entre a hidroelétrica e as demais indústrias locais. Segundo o autor, as “pioneiras” foram empreendimentos nacionais privados de grande porte, não deslocando, no entanto, a centralidade da bananicultura como atividade econômica. Teriam se instalado em Cubatão, principalmente, pelos recursos naturais presentes no local, e também pela proximidade do porto de Santos para importação de matérias-primas ou maquinários. A Usina de Cubatão, diferentemente, marcaria uma nova etapa de desenvolvimento industrial. Ela se diferenciava das demais, especialmente, por ser um empreendimento canadense no Brasil, conglomerando também investidores brasileiros, sendo, para o autor, a primeira transnacional do local<sup>3</sup>. Mas também, por ter sido construída para atender ao mercado consumidor de São Paulo, tendo assim poucas relações com Cubatão, reduzidas à utilização de seus recursos naturais e de sua topografia.

Léa Goldenstein, geógrafa que debateu o andamento da industrialização e da urbanização de Cubatão em 1965, já havia se utilizado da divisão entre as “pioneiras” e a Usina de Cubatão. Embora tenha reconhecido atividades industriais anteriores – como as olarias, curtumes e engenhos de açúcar –, a autora considerou a *Costa Moniz Ind. e Co*<sup>4</sup>. como primeira indústria cubatense. Em sequência, em 1918, foi construída a *Companhia Santista de Papel*<sup>5</sup>, vista pela autora como a

---

<sup>3</sup> Nesse mesmo sentido de afirmação da particularidade dos capitais investidos na Usina de Cubatão, Duncan McDowall, historiador empresarial da Light, difere de Couto ao negar a ideia de que a Brazilian Traction, herdeira da Light, seria uma multinacional. Para McDowall, a empresa seria uma binacional, pois suas atividades eram restritas ao Brasil e ao Canadá. O autor embasa tal afirmação na ideia de que, diferentemente das multinacionais, que mudam seus empreendimentos de lugares conforme condições favoráveis, “[...] a Brazilian Traction criou vínculos com o Brasil e sua prosperidade política e econômica” (MCDOWALL, 2008: 18). Nota-se um viés bastante propagandista das supostas virtudes da Brazilian Traction (e do “povo canadense”, termo utilizado pelo próprio autor) na obra de McDowall.

<sup>4</sup> Após sucessivas vendas, a Cia. Curtidora Marx passou, em 1918, para posse de Domingos da Costa Moniz, alterando-se, assim, o nome da companhia. Importante comentar também que, diferentemente de Couto, Goldenstein localiza a criação da Costa Moniz em 1895.

<sup>5</sup> A definição de datas de Couto e Goldenstein se diferem também em relação à Cia. Santista de Papel. Couto comentou que a fábrica de papel passou a se chamar dessa forma apenas em 1932, quando foi comprada, após a falência da

## MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

3

primeira realmente importante. A Usina de Cubatão, no mesmo sentido que Couto apontou posteriormente, marcaria uma nova etapa industrial, induzindo o processo de industrialização paulista e estando entre os fatores centrais para o estabelecimento de grandes indústrias em Cubatão entre os anos 50 e 70. Segundo a autora, “[...] A instalação da primeira usina da Light, em 1926, representou para a cidade outra fase de efervescência”, expressa na

*(...) vinda de grande número de trabalhadores [e] (...) na movimentação do comércio [...]. Além disso, (...) quando se cogitou levar grandes indústrias para Cubatão (...), o fato da 'Light' lá se encontrar e oferecer condições de energia fácil e direta, foi fator básico (GOLDENSTEIN, 1965: 20-1).*

No mesmo sentido, Couto considerou que “A instalação da grande usina hidrelétrica Henry Borden (...) em 1926, é o marco divisor da história industrial de Cubatão”<sup>6</sup> (COUTO, 2012: 24). Percebe-se que tanto Goldenstein quanto Couto definiram muito claramente uma primeira onda industrial em Cubatão, marcada pelas indústrias pioneiras. Ambos deixaram muito claro, também, que essas teriam poucas relações com a Usina de Cubatão. A única aproximação entre a hidroelétrica e as demais indústrias de Cubatão do início do século XX feita por Goldenstein é em relação ao peso do fator sítio para sua constituição, para além do fator posição<sup>7</sup>. Assim, tanto a Companhia Santista de Papel quanto a Usina de Cubatão – as “primeiras grandes indústrias” (GOLDENSTEIN, 1965: 16) – teriam sua localização ligada à presença da raiz da Serra, aproveitando-se de seus recursos hídricos e, no caso da hidroelétrica, de sua topografia. Nesse sentido a Usina de Cubatão não pertenceria às ondas industriais posteriores, iniciadas na década de 1950, visto que o estabelecimento destas não teria nenhuma relação com os fatores locais, mas sim com a proximidade do porto de Santos e com São Paulo, centro consumidor e distribuidor.

---

Companhia Fabril de Cubatão, associação formada em 1903, mas que só pôde colocar sua fábrica em operação em 1922.

<sup>6</sup> Usina Henry Borden foi o nome dado à Usina de Cubatão a partir de 1964. O nome homenageava Henry Borden, que foi o mais alto executivo da Light entre 1946 e 1965, e passava a nomear não apenas a antiga Usina de Cubatão, como também a usina hidroelétrica subterrânea que havia sido construída nas imediações da Usina externa de Cubatão entre 1952 e 1961, com vistas a expandir o potencial de geração.

<sup>7</sup> Para Léa Goldenstein, a formação de Cubatão se definiria por sua posição: desde o século XVII, o local seria um aglomerado formado pela necessidade de parada imposta pelo obstáculo da Serra do Mar àqueles que se deslocavam de Santos para São Paulo. Para a geógrafa, o fator posição é também central para explicar as instalações industriais cubatenses, que teriam se estabelecido naquele local por conta da proximidade de São Paulo, “grande financiador e centro consumidor” e de Santos, “(...) pôrto de primeira classe e manancial de mão-de-obra” (COUTO, 1965: 15). O complexo industrial se definiria, assim, por sua localização “entre Santos e São Paulo, entre o pôrto e o mercado” (GOLDENSTEIN, 1965: 18).

## MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

4

Apesar da importância do fator sítio e da grande distância temporal, a Usina de Cubatão foi considerada, tanto por Goldenstein quanto por Couto, como ponto fulcral para a formação do processo de industrialização que se iniciou com a instalação da refinaria de petróleo da Petrobrás no município (e com o grande número de indústrias petroquímicas que foram instaladas em função desta). Goldenstein comentou ainda a importância da disponibilidade de energia elétrica para o crescimento industrial que se verificava com a instalação da Companhia Siderúrgica Paulista (e, como no caso da refinaria, das indústrias que se instalaram em função dela), contemporânea à escrita de seu texto. Já Couto, além de tratar da instalação da siderúrgica, atentou-se ainda para a formação do complexo de indústrias de fertilizantes, finalizando a definição desse surto industrial na crise ambiental que afligiu o município em fins da década de 1970. Ambos perceberam, em síntese, a Usina de Cubatão como fator explicativo da formação do polo industrial que se formou na cidade.

Nessa bibliografia, portanto, a Usina de Cubatão aparece flutuando entre a primeira onda industrial e o processo em que se formou o polo industrial da cidade. Essa flutuação se deve, em grande medida, ao fato dessa hidroelétrica estar temporalmente vinculada à primeira onda – visto que foi inaugurada em 1926 –, mas não ter estabelecido relações significativas com os fluxos industriais de Cubatão no início do século XX. Já em relação à formação do polo industrial, embora temporalmente distante, a Usina de Cubatão desempenhou papel central. Além dessa flutuação entre ondas ou períodos de industrialização, percebe-se que a Usina de Cubatão parece ser definida por esses autores por sua distância em relação ao desenvolvimento urbano da cidade. Para Couto, a Usina estaria ligada a São Paulo, porque teria sido pensada a fim de sanar a crise de abastecimento hidroelétrico que afetara o município em 1925, porque representava um empreendimento da *São Paulo Light and Power Company*, empresa que tinha, naquele momento, a cidade de São Paulo – na qual estava sediada – como principal preocupação, e porque distribuía sua produção para São Paulo, atendendo a um mercado consumidor formado, majoritariamente, pelas indústrias paulistanas, pelos estabelecimentos comerciais e pela rede de bondes da capital paulista. A única relação efetiva que a usina estabelecia com Cubatão referia-se ao uso de seus recursos hídricos e de sua topografia. Goldenstein, por sua vez – além de reconhecer que a usina de Cubatão foi instalada com vistas a favorecer a industrialização do Planalto, e não o da Baixada Santista –, focou-se na enorme

# MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

5

distância que se estabeleceu entre o setor industrial de Cubatão e o núcleo urbano da cidade. A geógrafa afirmou, por exemplo, que a Cia. Santista de Papel “tinha vida própria e isolada, tendo sido sempre muito elementar sua vida de relações com Cubatão” (GOLDENSTEIN, 1965: 20). Da mesma forma, a Usina de Cubatão “poucas marcas deixou na própria cidade. Terminadas as obras, os acampamentos de trabalhadores se desfizeram e as turmas de manutenção foram confinadas numa ‘vila’ operária (...) isolada” (GOLDENSTEIN, 1965:20). E, ainda, as instalações industriais posteriores a 1950 não tomaram a cidade de Cubatão como base de apoio, relacionando-se muito mais com a cidade de Santos e seu porto.

## **2. Lighteanos: a autodefinição da comunidade.**

Como comentado por Goldenstein, a distância entre a Usina de Cubatão e o núcleo urbano da cidade se daria, em parte, pela presença de uma vila operária nas imediações da hidroelétrica, isolada, portanto, do restante da cidade. Miguel Couto situou essa vila em uma constante observada também nas “pioneiras”: em 1914 a Cia. Curtidora Marx inaugurava a “Colônia”, primeira vila operária de Cubatão; a mesma opção foi adotada pela Cia. de Anilinas, que já contava com 100 operários residentes em 1923, e, posteriormente, pela Cia. Fabril de Cubatão, a qual possuía a maior vila das três (COUTO, 2003: 32-33; 38). A Usina de Cubatão seguiu o mesmo modelo e, na década de 1930, construiu uma série de acampamentos em seu entorno, com finalidade de abrigar seus funcionários com suas famílias, que ficaram conhecidos, em seu conjunto, como Vila Light. O economista reconheceu o impacto que essas experiências urbanas tiveram para a configuração da cidade de Cubatão, visto que, do antigo núcleo formado no entorno do Aterrado, Cubatão passava a contar agora com núcleos de moradia espalhados por seu território, descentralizando a habitação.

A partir dessas considerações, propomos repensar o papel da Usina de Cubatão no processo de urbanização do município. Nossa abordagem não se foca na análise das relações econômicas que a Usina de Cubatão tomou com São Paulo, Santos ou Cubatão, mas na maneira como ela foi capaz de construir uma experiência urbana significativa para compreender a história industrial e urbana do município.

O reconhecimento da importância da Vila Light para repensar a história urbana de Cubatão tem seu cerne na percepção do sentido de comunidade que se estabeleceu no local. Localizada no

## MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

6

sopé da Serra do Mar, a vila estava fisicamente distante do centro de Cubatão, e seus moradores tinham pouca possibilidade de acesso a esse, por conta dos pouco numerosos meios de transporte. Esse isolamento era reforçado por sua quase autossuficiência<sup>8</sup> e por seu cariz paradisíaco, dado pelas pequenas densidades populacionais, vegetação exuberante, boas condições de moradia e possibilidade de ascensão na carreira. A distância em relação ao centro urbano de Cubatão se intensificou com o processo de formação do polo industrial da cidade. Isso porque o polo se construiu à margem esquerda do Rio Cubatão, pelas facilidades trazidas por esse para suas atividades, como por exemplo, para resfriamento do maquinário e para o transporte de materiais (RODRIGUES: 2014). Em uma das margens do rio, assim, estabeleceu-se o polo industrial de Cubatão. Na margem oposta – a direita – está importante parte da área habitacional e comercial, estando a Avenida Nove de Abril (antigo Aterrado), principal da cidade, a poucos metros da ponte que faz a divisa entre essas duas áreas. O isolamento da Vila Light foi reforçado nessa configuração: ficou cercada, de um lado, pela Serra do Mar, e de outro, pelo polo industrial. Dessa experiência de isolamento e distância, parece ter-se desenvolvido uma identidade comunitária, em oposição à cubatense. O único contato urbano direto que a vila fazia era com a Vila Fabril. Esse, porém, apenas reforçou os laços comunitários, dado que se estabeleceram certas rivalidades entre os dois bairros.

A identidade comunitária se expressa como autoafirmação dos ex-moradores da vila. Estes se autodenominam “Lighteanos”, indicando um sentimento de pertencimento ao local. O termo é comumente usado nas conversas sobre a vila, mas também na comunidade virtual *Amigos da Light*, da rede social *Facebook*. A própria existência de uma comunidade virtual, em conjunto com o uso do termo de autodenominação e com as festas e reuniões de ex-moradores e amigos da vila é um forte indicativo da identidade comunitária que nela se estabelece. Além disso, nas entrevistas e conversas realizadas com ex-moradores, foi corrente a vontade dos ex-moradores da Vila Light de distingui-la de Cubatão. Citamos, por exemplo, a entrevista não formalizada realizada com as irmãs Ivone Monteiro, Yolanda Souza e Ivanir de Souza, na qual todas enfatizaram que “Light é

---

<sup>8</sup> Conforme as entrevistas realizadas até o momento apontaram, havia um armazém para vendas de produtos básicos, visitas semanais de verdureiros, leiteiros e padeiros, presença de uma enfermaria com médico e espaços voltados para o lazer e a educação dos trabalhadores e de suas famílias.

## MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

7

Light, Cubatão é Cubatão” (MONTEIRO et al: 2013). Podemos citar, ainda, a entrevista concedida em 2015 por Idílio Carlos de Souza, também irmão de Ivone, Yolanda e Ivanir. Idílio afirmou que “a união que havia lá [na Vila Light], não é a mesma que em Cubatão. Lá era uma família” (SOUZA: 2015)<sup>9</sup>.

A diferenciação entre a Vila Light e Cubatão é um primeiro ponto a que devemos atentar. A comunidade lighteana se funda, em parte, na afirmação de um estrangeirismo em relação a Cubatão. A condição estrangeira está sendo aqui compreendida no sentido apresentado por Graciela Silvestri que, com base em Georg Simmel, a define como condição de estranhamento a um ambiente, estando também ligada à noção de pertencimento e podendo se dar naquele que é considerado o seu próprio ambiente ou em um ambiente muito próximo ao seu e no qual, ao menos em parte, você está inserido. “O olhar estrangeiro é o da distância” (SILVESTRI, 2011: 484). Mas, é preciso reconhecer que, no caso da Vila Light, existe uma homologia entre as distâncias físicas e a distância social (BOURDIEU, 2003). Assim, é importante perceber que, apesar do isolamento físico a que estava submetida a Vila Light – tal qual as vilas operárias ligadas às pioneiras – ter ligação com a disposição de matérias-primas, há também outro aspecto importante relativo, em parte, à produtividade, a saber: o controle do cotidiano operário como forma de condicionamento para o trabalho. De acordo com Telma de Barros Correia, a emergência da grande indústria trouxe consigo a necessidade de reorganizar o trabalho, o que contou com uma ação patronal sobre o cotidiano dos trabalhadores, agindo, nesse aspecto, sobre a habitação dos operários, que comportava “(...) um amplo aparato de fiscalização e condicionamento para o trabalho”. Nesse sentido, o distanciamento aparecia com o objetivo de “[...] isolar a classe trabalhadora útil e produtiva dos pobres julgados irremediavelmente corrompidos”, submetendo o grupo trabalhador, em seguida, a um “(...) programa disciplinar que acentuasse suas aptidões para o trabalho e desenvolvesse novos hábitos regrados” (CORREIA, 1990: 11-12). O isolamento tentava, desse modo, imunizar os operários das contaminações sanitárias, morais e políticas, atribuídas às grandes aglomerações. Em somatória à

---

<sup>9</sup> É importante salientar que as entrevistas aqui apresentadas não estão sendo abordadas a partir das especificidades da História Oral. A pesquisa que de mestrado em que esta comunicação se insere debruça-se sobre a produção de memórias sobre Cubatão em diferentes suportes documentais, sendo a oralidade um deles. Trata-se, portanto, de um trabalho com o cruzamento de gêneros documentais e de reconhecimento das reminiscências de memórias que neles podem ser encontradas.

## MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

8

organização espacial e habitacional segundo a lógica produtiva, “[...] a idéia de regeneração moral do trabalhador estava”, ela também “vinculada a uma reforma de ordem sanitária e moral da moradia e da cidade” (CORREIA, 1990: 13).

Essa homologia entre o controle sobre o espaço social e o sobre o espaço físico pode ser melhor compreendida se levarmos em conta os apontamentos de Pierre Bourdieu. O autor afirmou que, “Como o espaço social encontra-se inscrito ao mesmo tempo nas estruturas espaciais [físicas] e nas estruturas mentais (...), o espaço é um dos lugares onde o poder se afirma e se exerce, e, sem dúvida, sob a forma mais sutil, a da violência simbólica como violência desapercibida” (BOURDIEU, 2003: 163). Assim, a distância espacial retraduz, de forma naturalizada, a distância social a que os trabalhadores estavam sujeitos.

Essa distância social é responsável, ao menos em parte, pela criação de um sentido de comunidade entre os ex-moradores da Vila. Recorremos, aqui, ao conceito elaborado por Ruth Cardoso que, debatendo o crescimento dos novos movimentos sociais no Brasil, reconhece a possibilidade da formação de identidades partilhadas a partir da vivência de experiências comuns de discriminação (CARDOSO, 2013). Embora uma aplicação direta do conceito de Cardoso no caso de estudo seja demasiado grosseira, visto que a autora elabora o conceito a partir da análise de movimentos sociais contextualizados, ele nos serve para reconhecer que identidades comunitárias podem ser formadas a partir de experiências de assimetria de poder, como no caso do isolamento físico-social imposto aos moradores da Vila Light.

Mas, é necessário perceber que, na evocação memorial da Vila Light como espaço urbano diferente de Cubatão, as narrativas orais marcam, fortemente, a primeira como espaço familiar, harmônico, de forte união entre os moradores e ausente de conflitos. A vila é vista, muitas vezes, como um local paradisíaco, como na entrevista realizada com N. C. G., em que o ex-morador disse que era

*gostoso de morar lá. Pô, lá é um espetáculo! Assim... todo mundo tivesse uma vila residencial igual aquela lá, viu? [...] Ó, aquela vila lá, o pessoal ficava de bobeira. Pô, quem te viu e que, te vê! A vila hoje, infelizmente, tá abandonada, aquelas casas eram tudo bem arrumadinha, tudo tinha é... empresa de jardinagem, né, que cuidava daquele jardim, cuidavam de campo de futebol. Ah, hoje em dia acho que já não tem mais isso daí (N.C.G., 2015).*



## MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

9

No mesmo sentido, ao ser perguntado sobre as diferenças da Vila no período em que lá morou e nos dias de hoje, Manoel Pinheiro, morador da Vila entre 1955 e 1980, afirmou que no período em que lá vivera a Vila era melhor porque

*Tinha mais respeito. Todo mundo respeitava uns aos outros. Era uma cidade ali. Era uma cidade muito linda. (...) ninguém ficava fazendo briga, criando briga (...) era tudo de bom. (...) era tudo família boa. O pessoal (...) vinha ficava dentro de casa, ou ficava jogando bola, ficava fora de casa batendo um papo, ficava às vezes fazendo um... sabe como é que é?*

### 3. Imagem e memória

Percebe-se, a partir das entrevistas, a autoafirmação dos ex-moradores da Vila Light como uma comunidade harmônica, marcada por sua distância e superioridade em relação a Cubatão. Para além das entrevistas, esse discurso parece ser reforçado nas redes sociais, na medida em que essas se configuram como local de comunicação dos ex-moradores da Vila. Nesse sentido, propomos uma breve reflexão sobre a forma como os membros da comunidade virtual *Amigos da Light*, da rede social *Facebook*, se apropria de imagens sobre o local para reafirmar seu pertencimento a ele. Propomos, ainda, pensar em como esse uso memorialístico das imagens, enquanto discurso marcado pelo imediatismo da memória – e, portanto, pela não criticidade em relação ao passado – acaba por gerar a perda dos contextos de produção e, quiçá, o potencial reflexivo da imagem.



*Vista aérea da Vila Light. Autoria e data desconhecidos. Fotografia publicada no Facebook de José Dimas Teixeira em 17/03/2012. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=386647681364764&set=pb.100000586055777.-2207520000.1467074722.&type=3&theater>*

Para desenvolver esta reflexão, selecionamos a imagem anexada acima. A fotografia apresenta, em vista aérea, parte da Vila Light. O campo mais baixo da imagem destaca o local de convergência de diversas ruas, em frente ao qual se encontra a Casa de Visitas, que chama à atenção por suas dimensões muito superiores às demais. O campo central da fotografia é ocupado por um

## MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

10

conjunto de residências disposto de forma sistemática, que permite a percepção do caráter planejado do núcleo urbano. O campo superior da fotografia é totalmente preenchido por mata densa, a qual emoldura o conjunto de residências. Ao fundo, em um plano hierarquicamente inferior na disposição visual, há um segundo conjunto de casas, um tanto quanto isolado do conjunto eleito pelo fotógrafo como central. No canto inferior esquerdo chama à atenção a vegetação menos densa, que acompanha um pequenino trecho visível do canal de fuga da Usina.

Essa imagem foi publicada no perfil do *Facebook* de José Dimas Teixeira em 17 de março de 2012, sendo compartilhada 25 vezes desde então. A mesma imagem foi publicada no grupo *Amigos da Light* por Cristina Santos, em 16 de fevereiro de 2013, tendo, desde então, 23 compartilhamentos. Apenas a partir dessas duas publicações, podemos considerar que essa imagem foi apropriada e rerepresentada por 50 pessoas diferentes. Das 50 reproduções por nós identificadas, apenas 20 estavam publicamente abertas e podiam ser analisadas. Das 20 reproduções analisadas, nenhuma trazia os dados relativos ao contexto de produção. A data de produção, a autoria da fotografia, o equipamento utilizado para produzi-la, suas dimensões originais, o suporte de impressão foram perdidos ou intencionalmente apagados nesses fluxos.

Os elementos de composição da fotografia foram também pouco considerados. Alguns poucos indivíduos teceram comentários nas fotos reproduzidas, identificando os elementos centris à composição. Em linhas gerais, os comentários que seguiram as fotos se aproximaram das narrativas orais já comentadas aqui: exaltou-se o caráter paradisíaco do local e criticou-se o estado atual da Vila, comparando-o às qualidades que apresentava anteriormente, produzindo-se, nesse sentido, uma memória nostálgica.

Os fluxos dessa imagem – tomada como um exemplo dentre diversas outras – parece acarretar a perda de informações significativas sobre a fotografia. A fotografia se afasta, assim, de seu registro documental e perde, parcialmente, seu papel de testemunho do contexto social de produção. Em contrapartida, ela se configura como estímulo à evocação memorial e potencializa as relações identitárias estabelecidas entre os ex-moradores da Vila. Levando-se em conta a existência material da fotografia – identificável, até mesmo, sem sua reprodução virtual – é possível perceber que a imagem analisada, tal qual diversas outras que são reproduzidas pelos usuários da rede social, agenciam relações entre estes. Compreendemos tal agenciamento no sentido defendido por Vânia

# MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

11

Carneiro de Carvalho, que defende a ruptura do binômio sujeito-objeto e o foco na relação que se estabelece nesse encontro, não pensando nos dois termos a partir da oposição entre atividade e passividade, mas sim, reconhecendo a dimensão agente de ambos (CARVALHO, 2011: 447). A imagem, nesse sentido, pode ser entendida como um artefato que, circulando entre diversas instituições e atores, constrói “um círculo de relações com outras ‘coisas’ (...) e, eventualmente”, engendra “(...) certos valores” (FREITAS, 2004: 13).

A imagem, dessa forma, desempenha um papel ativo ao engatilhar uma série de memórias e narrativas memoriais. Importante salientar que essas memórias são construídas a partir das demandas impostas pelo tempo presente. Assim, embora o debate acadêmico tenha, tradicionalmente, considerado certa distância entre a Usina de Cubatão, a Vila Light e o núcleo urbano de Cubatão, é preciso reconhecer que, a memória nostálgica que os ex-moradores da Vila constroem sobre o local pode ser compreendida, justamente, a partir dos processos de urbanização e industrialização de Cubatão. Com a formação do polo industrial a “[...] indústria passou a atrair uma grande massa de trabalhadores migrantes, sendo muitos provenientes do campo. O tipo de urbanização advinda dessa industrialização produziu um espaço fragmentado, em sua maioria composto por favelas” (SILVA, 2006). O fenômeno que daí derivou foi uma figuração estabelecidos-outsiders (ELIAS, 2000): os moradores de Cubatão que lá estavam há mais tempo, se reconhecem hoje como moradores da “Cubatão de antigamente”, sendo que os migrantes são vistos correntemente como invasores. A comunidade da Vila Light, nesse sentido, passa a se reconhecer como cubatense. O estranhamento para com a cidade, no entanto, se mantém, na medida em que a velha cidade é entendida como extinta e que a nova cidade é interpretada como suja e degradada.

## Referências

BOURDIEU, Pierre. “Efeitos de lugar”. In: *A Miséria do Mundo*. 5ª Edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2003. pp. 159-166

Cardoso, Ruth 2013 ‘Building senses of community’, *Vibrant: dossier Heritage and Museums*, v.10, n.2, p.134-144. Disponível em: <http://www.vibrant.org.br/issues/v10n1/ruth-cardoso-building-senses-of-community/>

CARVALHO, Vânia Carneiro. “Cultura material, espaço doméstico e musealização”. In: *VARIA HISTORIA*, v. 29, nº 46. Belo Horizonte, Jul/Dez de 2011. pp. 443-469.

## MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

12

COUTO, Joaquim Miguel. *Entre estatais e transnacionais: o pólo industrial de Cubatão*. Tese de Doutorado, Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2003.

COUTO, Joaquim Miguel. *Industrialização, meio ambiente e pobreza: o caso do município de Cubatão/SP*. Maringá: Eduem, 2012

CORREIA, Telma de Barros. *Pedra: Plano e cotidiano operário no sertão*. Campinas: Papyrus, 1990 – (Série Ofício de arte e forma).

ELIAS, Norbert. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

FREITAS, Artur. “História e Imagem Artística: por uma abordagem tríplice”. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 34. Julho-dezembro de 2004.

GOLDENSTEIN, Léa. “Cubatão e sua área industrial”. In: *A BAIXADA Santista: aspectos geográficos*. Volume 4: Cubatão e suas indústrias. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1965. pp. 11-65.

MCDOWALL, Duncan L. *Light: a história da empresa que modernizou o Brasil*. Tradução de Helena Maria Andrade do Nascimento. Rio de Janeiro: Ediouro, 2008.

MONTEIRO, Ivone; SOUZA, Irene de; SOUZA, Yolanda. Entrevista [não formalizada] concedida a Gabriel Santos. Cubatão, 23/11/2013.

N. C. G. [opção por anonimato]. Entrevista concedida a Gabriel Santos. Santos, 01/04/2015. Suporte: Arquivo de áudio.

PINHEIRO, Manoel Soares. Entrevista concedida a Gabriel Santos. Santos, 07/03/2015. Suporte: Arquivo de áudio.

SOUZA, Idílio Carlos de. Entrevista concedida a Gabriel Santos. Santos, 06/03/2015. Suporte: Arquivo de áudio.

RODRIGUES, Belmiro Falco. Visita técnica guiada ao Complexo Hidroelétrico Henry Borden. Cubatão, Julho de 2014.

SILVA, Vilma Aparecida da. *A campesinidade presente na construção do espaço geográfico da cidade de Cubatão*. Dissertação de Mestrado pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006.

SILVESTRI, Graciela. “O caminho para a cidade: viagem e a condição estrangeira em relação ao transcurso espacial”. In: Lanna, Ana; PEIXOTO, Fernanda; LIRA, José; SAMPAIO, Maria Ruth (org). *São Paulo, os estrangeiros e a construção das cidades*. São Paulo: Alameda, 2011.